

ARTIGO

RORAIMA INTERLIGANDO NAÇÕES:
BRASIL E GUIANA

RESUMO: O presente texto pretende fazer uma reflexão sobre o aspecto fronteiro entre o Estado de Roraima e a República Cooperativista da Guiana, com destaque para o intercâmbio cultural através da língua, tendo como foco a preocupação com a (trans)formação do professor de inglês diante da realidade mundial e local. Desta forma, faremos um panorama de Lethem e a proximidade com Roraima que assinala possibilidades de prática e ensino do inglês em detrimento dos mitos existentes sobre a língua inglesa da Guiana, e finalmente articular à importância da sólida formação docente com fatores que permitam uma visão da influência da fronteira não somente para o aspecto político e econômico, mas para as relações sociais entre Brasil e Guiana.

Palavras chave: aspecto fronteiro, professor de inglês, intercâmbio cultural

ABSTRACT: The present text aims to do a reflection about the frontier aspect between Roraima and Co-operative Republic of Guyana, emphasizing the cultural exchange throughout the language, having as focus the concerning to the English teacher (trans)formation in the local and world reality. Therefore, we will do a panorama of Lethem and the proximity with Roraima that points out possibilities of English practice and learning in

* Professora do Colégio de Aplicação da UFRR,
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação
MINTER/PPGE/FACED/UFAM/UFRR
e-mail: carianepimentel@bol.com.br

detriment of the existing myths about the Guyana English language, and finally to articulate the importance of the solid educational formation with factors that permit a view of the influence of the border not only to the politics and economics aspect, but to the social relations between Brazil and Guyana.

Keywords: frontier aspect, English teacher, cultural exchange

INTRODUÇÃO

A educação vem sofrendo várias mudanças, e estas alterações interferem na formação de professores, pois vivemos um período em que os avanços tecnológicos nos possibilitam facilidades, praticidades e variadas formas de comunicação, com modelos políticos autoritários, centralizadores, homogeneizantes sendo substituídos por formas descentralizadas, heterogêneas, plurais e democráticas de relacionamento.

Nestas conjunturas políticas e econômicas, a língua inglesa adquire importante papel no mundo, não sendo mais considerada como uma língua de uso exclusivo de falantes nativos. O inglês vem funcionando como uma língua franca por seu vasto número de falantes não-nativos, sendo considerada uma língua internacional. O número de falantes não-nativos no mundo, segundo o Conselho Britânico¹, ultrapassa a quantidade de falantes nativos.

O fato de tantas pessoas estarem usando a língua inglesa no mundo todo se dá pela condição hegemônica que os Estados Unidos exercem no cenário mundial, o conhecimento da língua inglesa é altamente valorizado, utilizado na maioria das relações comerciais, sendo também veículo preferencial para a transmissão de descobertas científicas e tecnológicas. Portanto, a escolha do inglês como língua franca do mundo globalizado, não foi resultado de fundamentos fonéticos ou gramaticais próprios desse idioma, mas do processo histórico do sistema capitalista.

Roraima é o estado do Brasil que faz fronteira com a Guiana, país que fala a língua considerada universal, tendo assim o benefício da proximidade e o desafio de articular culturas e línguas com o intuito de desenvolvimento econômico com preocupação voltada para o ensino da língua, permitindo

¹ Conselho Britânico (www.britishcouncil.org)

comunicação e convívio que favoreçam ambos os países sem ter de exaltar a cultura de países dominantes que falam inglês.

O texto persiste na necessidade do professor de língua inglesa em Roraima obter conhecimento e ação reflexiva aliada às práticas voltadas ao contexto em que sua práxis está inserida com consciência da esfera social, cultural e política no âmbito mundial para não se tornar mais um mero reproduzidor da cultura colonizadora.

BRASIL E GUIANA: LIMITES E POSSIBILIDADES DE UM INTERCÂMBIO CULTURAL ATRAVÉS DA LÍNGUA

Roraima é um Estado do extremo norte do Brasil, de cunho ímpar, pois faz fronteira com dois países de línguas distintas: Venezuela – língua espanhola e República Cooperativista da Guiana – língua inglesa. Trataremos neste artigo da fronteira entre Brasil e Guiana.

Os dois países não têm relações históricas, apesar da proximidade, a Guiana foi colonizada por ingleses e por isso está ligada a outros países do Caribe de língua inglesa. O Brasil, em relação ao aspecto geográfico, sempre esteve mais voltado para os países que falam a língua espanhola, porém essa situação pode mudar.

O Brasil está começando a criar vínculos com a Guiana, um país que poucos brasileiros têm conhecimento, mas que está muito próximo. A distância entre Brasil e Guiana é de aproximadamente 125 km contados a partir da capital de Boa Vista/RR até Lethem (cidade fronteiriça da Guiana) Bonfim é o município fronteiriço de Roraima. A distância de Boa Vista a Georgetown é de 641km menor do que a distância entre Boa Vista e Manaus.

O nome oficial do país é Co-operative Republic of Guyana (República Cooperativa da Guiana). Guyana (pronuncia-se gaiana), mas no Brasil, a maioria das pessoas ainda chama o país de Guiana, pelo fato da mudança de "i" para "y" em inglês não ter diferença em Português, de modo que para nós, o país tem o mesmo nome que tinha quando era uma colônia do Reino Unido até tornar-se independente no dia 26 de maio de 1966. O "co-operative" (separado por hífen) se deve ao fato de que o país usa a ortografia britânica.

O primeiro contato com o inglês da Guiana faz parecer que eles falam outra língua, porém depois de algumas tentativas de praticar é possível entender com facilidade o que dizem e a compreensão é mútua. Os guianenses conversam entre si o "creolese" ou "creole English", dificilmente se entende, mas aprender o inglês em Lethem não prejudica nem regride a aprendizagem da língua.

Estudar e praticar inglês em Lethem, ao contrário do que muitos pensam, é por experiência própria uma oportunidade de intercâmbio. É possível conhecer falantes guianenses que os não nativos podem entender sem dificuldades, pois o inglês ensinado nas escolas da Guiana é o inglês britânico e não um dialeto. Apesar do sotaque próprio, que toda comunidade de falantes em qualquer lugar possui, encontramos falantes que falam inglês britânico, desmistificando assim, a crença do inglês da Guiana ser errado e incompreensível.

Lethem é uma cidade pequena que não possui planejamento, desta forma as casas os prédios públicos e os estabelecimentos comerciais são afastados uns dos outros, a pavimentação existente encontra-se em parte de uma rua somente, mas com moradores receptivos e simples. Este cenário nos mostra que a cidade não é moderna e nem típica de países hegemônicos, talvez mais um motivo para o mito de que seu idioma é desapropriado para ser praticado ou ensinado.

Bonfim e Lethem são separados apenas pelo rio Tacutu, uma margem do rio fica no Brasil e a outra na Guiana. Já existe uma ponte de acesso, porém ainda não foi inaugurada, por esse motivo, é preciso fazer a travessia à balsa.

As obras para construção da ponte estavam paradas desde 2001 devido às irregularidades detectadas em fiscalizações nos anos de 2003, 2004 e 2005, algumas das irregularidades foram: a alteração indevida de projetos e a supervalorização da obra.

No início do ano de 2007, o Primeiro Ministro da Guiana Samuel Hind visitou Roraima com a proposta de uma interligação que comece por Manaus, passe por Roraima com saída para o Atlântico, com recurso do governo federal brasileiro. O primeiro ministro em entrevista a Folha de Boa Vista², afirma:

²Jornal diário impresso que veicula notícias no Estado de Roraima.

“Sabemos da necessidade de interconexão dessa região. A Guiana é um país pequeno com população pobre e esta estrada viabiliza o desenvolvimento do povo que está ansioso por esta iniciativa”. Ao final do encontro, o vice-governador de Roraima declarou que o governo brasileiro viabilizaria o financiamento da construção da ponte e da estrada por primar à integração com os países sul-americanos.

Todos os trâmites burocráticos foram concluídos e a obra começou em fevereiro do ano de 2007 e encerraram em maio de 2008. Segundo o relatório do projeto da obra, a implantação do empreendimento contempla a execução de obras de pontes sobre os rios Tacutu (com 230m de comprimento) e Arraia (com 120m de comprimento), integrantes do traçado da BR-401, que possibilitam o escoamento da produção agropecuária de Roraima e de produtos da Zona Franca de Manaus para o mercado internacional.

A necessidade dessa conexão se dá também porque o Estado de Roraima está rodeado por países que constituem o chamado bloco das Guianas, de acordo com o projeto Arco norte, uma nova estrada internacional será construída para interligar Roraima, República Cooperativista da Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Amapá. Segundo Santos (2004 p.46):

Tal rodovia, que terá aproximadamente 1800km de extensão, constituirá uma artéria de integração sócio-econômica, de alta relevância nos campos turísticos e comercial para o Brasil, particularmente para os estados de Roraima e Amapá, bem como os países supramencionados. O mesmo projeto prevê também a construção de um porto em Georgetown, a ser utilizado pelo Brasil como ponto estratégico comercial para o escoamento de seus produtos de exportação e recebimento de importação, o que reduzirá consideravelmente, o custo das mercadorias que sempre estão sendo onerados em consequência do fator transporte.

Notamos que há preocupação com o desenvolvimento econômico, o que é importante para o crescimento dos Estados envolvidos, porém acreditamos que deveria também, haver uma preocupação voltada para o preparo das comunidades tanto da Guiana quanto do Brasil para a aprendizagem da língua de seu país vizinho e adquiri-la como segunda língua e vice versa, pois a comunicação precisa acontecer para que haja entendimento e troca de experiências e cultura.

Oliveira (2003) na Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos, ao se referir à função de comunicação que a linguagem tem, afirma que os direitos lingüísticos se associam, antes de tudo, com a categoria de direitos econômicos, sociais e culturais. Portanto, toda pessoa tem direito ao acesso a outra língua que lhe sirva de ferramenta de comunicação com outras comunidades lingüísticas.

Partindo deste pressuposto, professores poderiam obter melhor domínio da língua alvo e se sentiriam mais confiantes para ensinar, pois a fronteira, para o professor de língua estrangeira em Roraima, especificamente de inglês, representa uma vantagem para a comunicação, ou seja, de ensinar e aprender Inglês e pôr em prática com falantes guianenses. Prática essa aliada à política da boa vizinhança que possibilitaria a promoção mútua de fertilização cultural e oportunidades de experiências por meio de intercâmbios.

Tal prática poderia até se estender aos alunos, pois:

O papel educacional da Língua Estrangeira é importante, desse modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essa nova experiência de vida. Experiência que deveria significar uma abertura para o mundo, tanto o mundo próximo, fora de si mesmo, quanto o mundo distante, em outras culturas. Assim, contribui-se para a construção, e para o cultivo pelo aluno, de uma competência não só no uso de línguas estrangeiras, mas também na compreensão de outras culturas. (PCN`s p.38)

Esta diversidade de recursos poderia levar o corpo docente da Universidade Federal de Roraima - UFRR a fortalecer a probabilidade de rever os componentes curriculares, do curso de Letras com habilitação em inglês, visando à preparação de profissionais e a implementação de propostas inovadoras suficientemente capazes de melhorar a prática pedagógica na UFRR e o convívio entre falantes da Guiana e Brasil.

Segundo Almeida Filho (1999), “O dedo oficial pode ajudar a força deste critério através de assinatura de protocolos que garantem a introdução gradual do idioma vizinho de ambos os lados.” p.46.

Portanto, além de disposição do professor e atenção especial voltada para o currículo de formação que viabilize oportunidades, será necessário

também que o governo contribua para a possibilidade de intercâmbio cultural, não só no processo de formação, mas de atuação para que o docente possa desenvolver um bom trabalho com ações inovadoras e reflexivas.

O PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA E O CONTEXTO EM QUE ESTÁ INSERIDO

Com a quebra das fronteiras nacionais e nova realidade virtual do dinheiro volátil ficou livre o caminho para a globalização da economia capitalista. Gamboa (2003) afirma que

Essa globalização se intensifica a partir da década de 1980 com o rápido surgimento de um novo sistema de coordenadas, graças aos satélites e à microinformática. Além dos limites nacionais aparece um mercado único e global e o espaço delimitado das nações tornou-se uma realidade que pertence ao passado. (p.97)

Portanto, este fenômeno está presente praticamente em todos os meios de relações sociais, que passa pela economia, pela política e vai até o modo de pensar das pessoas. É válido destacar que as condições econômicas e sociais dos países são diferenciadas, assim há desigualdades na competição entre eles.

A globalização aproxima universos de toda espécie situada em qualquer ponto do planeta, as informações são agora obtidas através das infovias as quais Rolnik (1997) afirma que por meio delas as comunidades são conectadas formando uma só aldeia, partilhando de idéias, gostos e decisões em tempo real numa “infundável polifonia eletrônica” que dá oportunidade de acesso a qualquer informação desejada a qualquer hora. Concomitantemente, aproxima e inclui, marginaliza e exclui assim como acontece no campo da educação.

A educação aparece como um componente indispensável da globalização. Segundo Gamboa (op.cit.), a educação é inerente aos interesses dominantes na sociedade global. Pois, é ela que idealiza como produto final o *homo faber*, que por sua vez nos remete a teoria do “capital humano”.

A teoria do capital humano visa, por exemplo, à formação do indivíduo para o mercado de trabalho, e quanto melhor for à qualificação, maior são suas

chances de ingresso e emprego, obtendo também, mais perspectivas de desenvolvimento e estabilidade econômica.

O modelo capitalista abre espaço aos discursos da diversidade e da diferença, de uma lógica neoliberal e global que transforma tudo em mercadorias e as pessoas em clientes, refletindo no modo de pensar, sentir e agir, exercendo sobre nós influências que nos orientam para determinadas posturas políticas, econômicas, sociais e com projetos de vida de interesse do poder fazendo as diferenças sociais parecerem justas e naturais.

Essa ideologia mascara a realidade, funcionando como instrumento de dominação. Chauí (1984) descreve a ideologia como um fenômeno histórico-social resultante do modo de produção constituída pelas formas de propriedade dos meios de produção e das relações de força de trabalho e posições sociais decorrentes da divisão social do trabalho.

Logo, a ideologia justifica e legitima a divisão de classes, levando os membros de uma sociedade a se conformarem, sem críticas e revoltas, com a sua organização, segundo Alves (2004, p.86) a ideologia é "... apresentada como a única possível e desejável, sendo cada um o que é por ter se esforçado, por ter escolhido, ou por dispor de talento ou não para ocupar determinadas funções".

Da mesma forma, Enguita (1989) complementa a idéia na área da educação, que a escola na verdade é o principal meio da legitimação meritocrática, pois as funções sociais mais relevantes são ocupadas pelos mais capazes em desempenhá-las, contribuindo para que os indivíduos interiorizem seu destino, sua posição e oportunidade social como de sua inteira responsabilidade, assim, o mérito é daqueles que adquirem as melhores posições, os que não conseguem são os próprios culpados pelo fracasso.

Concordamos que fica mais difícil se desvencilhar da noção de educação inerente aos interesses dominantes da sociedade global e da legitimação meritocrática visto que elas já estão impregnadas em quase todos os âmbitos da sociedade, mas não consentimos com a impossibilidade de desconstruir formas dominantes de teorização e prática educacional. Conforme Giroux (1995, p.140):

Na verdade, desejamos remodelar a educação do professor enfocando-a como um projeto político, como uma forma de política cultural que defina

os futuros docentes como intelectuais responsáveis pela criação de espaços públicos onde os alunos possam debater, assimilar e adquirir o conhecimento e as habilidades necessárias à luta rumo à democratização de um mundo mais justo e humano.

Dentro desse terreno com discurso ideológico reproduzidor dos interesses hegemônicos de um lado e a resistência e contestação a esses interesses do outro está o professor de língua estrangeira. Surge então, a seguinte indagação: como formar professores de língua inglesa com prática voltada para o contexto em que atua?

Os professores que trabalham com línguas estão fundamentalmente envolvidos com a vida política e social, não só os professores de inglês, mas o de línguas em geral, porém há uma especificidade em relação ao professor de língua inglesa.

Os dados da realidade lingüística no mundo apontam que uma estimativa de 1,5 bilhão de pessoas no mundo, ou seja, um quarto da população mundial, já possui algum conhecimento da língua no seu dia-a-dia, além do fato de que em torno de 80 a 90% da divulgação do conhecimento científico é veiculado em inglês. “Ou seja, quem se recusa a adquirir um conhecimento mínimo da língua inglesa corre o perigo de perder o bonde da história”. (RAJAGOPALAN, 2005 p.149)

Em outras palavras, a dominação do capital norte-americano no mundo globalizado predomina em todos os campos da vida social, até mesmo de pesquisas do meio acadêmico e científico que são inicialmente produzidos e circulados em inglês perpassando também pela mídia (TV, internet).

O ensino de língua inglesa faz parte do currículo escolar, servindo como instrumento de valorização e universalização da língua falada nos Estados Unidos da América. Isto não quer dizer, unicamente, que ninguém possa se libertar dos conteúdos ideológicos e perceber a realidade como ela é, mesmo estando sob forte domínio do poder de outros países.

É pertinente focalizar a relevância do professor de línguas, notadamente o de inglês, em obter consciência do mundo em que está localizado, que entenda, portanto, os processos políticos, econômicos, tecnológicos e culturais para atuação na prática de ensinar e aprender inglês.

Ensinar e aprender inglês consiste em se envolver em confrontos discursivos que somos todos expostos para podermos alterar ou construir mundos sociais melhores que colaborem na constituição de uma aliança anti-hegemônica que desconstrua discursos marginalizadores e marginalizados, excludentes e excluídos, pois são os discursos da diversidade e da diferença que constroem um mundo multicultural, determinando ou não a possibilidade de acesso aos meios econômicos e as tecnologias de informação.

O professor preocupado com sua prática busca desconstruir a dominação e alienação tanto dentro como fora das escolas e procura saber lidar com as formas de poder e controle desse sistema, mas por formação limitada e deficiente acaba se curvando a tudo que aparece de novo na escola, como se tal novidade ao ser adotada e seguida à risca transformasse toda sua prática para melhor, como num passe de mágica, sem necessitar de uma formação mais sólida e sem enxergar as questões mais urgentes como melhores recursos financeiros e humanos.

Contudo, para assumir uma atitude crítica e reflexiva não é tão simples, o professor deve estar disposto a mudanças. É essencial desfazer a aula copiada como sua marca registrada, esta marca deverá transformar-se no questionamento reconstrutivo alimentado pela constante formação por meio da pesquisa, a qual precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como uma atividade especial para momentos e salários especiais.

Ao tornar-se reflexivo, torna-se crítico, isto não quer dizer que o professor venha apenas a questionar, mas com base em seus questionamentos, possa intervir, tornando-se não somente objeto, mas sujeito da educação, adquirindo competência para fazer, saber fazer e, sobretudo refletir para refazer permanentemente de forma pensada e inovadora.

Para Demo (2000), a habilidade questionadora reconstrutiva funda-se em procedimentos metodológicos que cercam e fecundam o conhecimento, para torná-lo inovador em termos teóricos e práticos. Além disso, o professor não aceitará tudo que lhe é imposto em seu ambiente de trabalho, inclusive as propostas mais absurdas, por não dispor de argumentos convincentes que fundamentem suas práticas.

Mas, este processo não se dá do dia para a noite, o professor deve estar ciente de que é um desenvolvimento em longo prazo que não se esgota na

conclusão de um curso de licenciatura, ou de pós-graduação. Vale ressaltar que o processo de formação começa no momento que o indivíduo entra na escola e vai até a formação profissional. Durante este período ele passa pela formação tradicional com base nos ditames do sistema econômico, político e social vigente, assim dificilmente desenvolve as possibilidades de criação, inovação e muito menos reflexão.

Portanto, é complexo repensar a formação docente ou repensar sua finalidade instituída, negando-a, superando-a, transcendendo-a, a fim de deixar a formação instrumental a serviço do capital. Porém, não é impossível recuperar a sua essência englobando formação crítica, reflexão, pesquisa e valorização da existência humana.

De acordo com Giroux e McLaren (1995) a deficiência na formação provém da falta de teoria social crítica no currículo desses programas “... a teoria da educação tem sido formulada em torno de um discurso e de um conjunto de práticas que enfatizam os aspectos imediatos, mensuráveis e metodológicos da aprendizagem.” (p.133).

Pimenta (2002) concorda com a idéia dos autores citados e afirma que a superação destas limitações surge com “... teoria(s), que permita(m) aos professores entenderem as restrições impostas pela prática institucional e histórico-social ao ensino, de modo que se identifique o potencial transformador das práticas.” p.25.

De acordo com Libâneo (2007) a melhoria das práticas de ensino parte da reflexão sobre a prática para apropriação e produção de teorias que possam formar sujeitos pensantes, capazes de um pensar epistêmico, ou seja, sujeitos que possam pensar crítica e historicamente a realidade e tomar posicionamentos diante dela para interferir ou modificá-la. Porém, para que se tenha ensino de qualidade é preciso formação docente sólida e permanente, voltada para o contexto em que estão inseridos professores e alunos.

Assim, conforme Moita Lopes (1996) a formação de professores de línguas que necessitamos, dentro da atual circunstância, não é a de um técnico, competente no uso de modelos, conhecedor e aplicador de regras gramaticais, com proficiência na língua estrangeira próxima à de um falante nativo. Necessitamos de um profissional reflexivo, aberto, que não mais se

preocupa com um determinado método de ensino, mas se preocupa com a produção do conhecimento em constante interação entre teoria, prática, aspecto políticos e culturais. Para Celani (2001, p.21)

O professor de línguas estrangeiras seria um graduado com habilidades para manusear o conhecimento de maneiras definidas, através de uma prática reflexiva, construída ao longo de um processo, com base em uma visão sóciointeracional crítica da linguagem e da aprendizagem; um profissional envolvido em um processo aberto de desenvolvimento contínuo, inserido na prática, e não derivado de um método ou de um modelo teórico.

Repensar a renovação do quadro de docência e pesquisa é importante para contribuir com programas de graduação e pós-graduação que enfatizem o ensino aprendizagem de línguas com base em teorias e conhecimento não somente da língua inglesa, mas de qualquer outra língua estrangeira.

Assim, queremos universidades que formem profissionais da educação epistemologicamente capazes de desenvolver a reflexão crítica e criadora, que possam avançar o saber e façam desenvolver no aluno seu potencial crítico por meio de esforço intelectual de questionamento, assimilação e criação, estando continuamente em sintonia com a sociedade e sua realidade, não se esgotando na mera transmissão de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o ensino da língua inglesa faz parte do currículo escolar, servindo como instrumento de valorização e universalização da língua falada nos países hegemônicos, por consequência do sistema capitalista e da globalização, mas a partir do momento em que se torna internacional, não é mais própria dos nativos dos países de primeiro mundo que falam a língua, e sim de diversos falantes que fazem uso do inglês como instrumento de comunicação entre os povos sem necessidade de exaltação da cultura dos países preeminentes.

Portanto, é preciso entender que Roraima tem a vantagem de estar bem próximo a Guiana e o inglês guianense deve ser reconhecido e valorizado, pois a formação do professor de inglês vista do contexto local para o mundial revela

que falar como os falantes dos países dominantes não é falar corretamente, é seguir modelos a agir conforme seus interesses, para que possam sempre estar no controle de qualquer situação.

A valorização deve começar pelas autoridades educacionais até chegar ao aprendiz, pois a globalização aponta claramente o valor do conhecimento de uma língua estrangeira, principalmente a língua inglesa. Almeida Filho (1999) afirma também que:

É preocupante pensar que, hoje em dia, mesmo a língua inglesa, pretensamente tão solidamente implantada na escola merece só o acaso, quando não o descaso das autoridades educacionais e dos agentes políticos quanto a sua manutenção com qualidade no currículo. (p.46)

A responsabilidade de um ensino de qualidade aos alunos não é somente do professor, pois vimos que ele também é vítima das relações de poder, da situação econômica e, por conseguinte de currículos inadequados, Paiva (2005, p.150-151) afirma que a circunstância se agrava quando professor atua em “um contexto desfavorável que não lhe dá acesso aos falantes ou às tecnologias que possam compensar essa ausência de contato com uma comunidade de prática em língua estrangeira.”

Ao abordarmos o tema da formação de professores dentro da realidade de nosso Estado vimos que temos ainda muitas dificuldades a serem superadas, mas que há possibilidades de ir além destes limites, mesmo sabendo que este processo não será consolidado em tempo real, porém quanto mais se falar sobre as necessidades de uma educação melhor, apontando a formação adequada e sólida com o auxílio de nosso contexto, mais oportunidades de práxis e intercâmbio aparecerão.

Queremos, portanto perceber paulatinamente alguns indícios destes apontamentos refletidos em práticas de formação docente em cursos de graduação e formação continuada, que se darão por meio de nossa persistência da importância do aspecto fronteiro em Roraima voltado para o trabalho pedagógico em função de formar e humanizar sujeitos, conscientes de seus direitos e obrigações, passíveis a transformações na construção histórico-social da realidade de nosso Estado e do país vizinho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Filho, José Carlos Paes de. **Dimensões Comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes 1993.

_____. Pela diversidade de oferta de línguas estrangeiras na escola. In: J.C.P. de Almeida Filho (org.) **O Professor de Língua Estrangeira em Formação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** /Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília : MEC/SEF, 1998.

CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão. In: LEFFA, V. J. (Org.) **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas: Educat, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo, Brasiliense, col. Primeiros Passos, n.13 1984.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 4ed. Campinas SP: Autores Associados, 2000.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação para o trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas ,1989.

GAMBOA, S. S. A Globalização e os desafios da educação no limiar do novo século: um olhar desde a América Latina. In: LOMBARDI, J. C. (org.) **Globalização, Pós-Modernidade e Educação: história, filosofia e temas transversais**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

GIROUX, A. H. e McLAREN, P. Formação do professor como uma contra-esfera pública: A pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio B.(orgs.) **Currículo, Cultura e Sociedade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus, professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 67).

MOITA LOPES, Luís Paulo. **Oficina de Lingüística Aplicada:A Natureza Social e Educacional dos Processos de Ensino / Aprendizagem de Línguas**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

- OLIVEIRA, G. M. (org.) **Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos: novas perspectivas em política lingüística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- PAIVA, V.L.M.O. Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem. In: FREIRE, M.M; ABRAHÃO, M.H.V; BARCELOS, A.M.F (Orgs.). **Lingüística Aplicada e Contemporaneidade**. Campinas e São Paulo: Pontes e ALAB, 2005. p.135-153.
- PIMENTA, S.G. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PIRES, C. **Primeiro-ministro gostaria que Brasil financiasse estrada e porto**. Folha de Boa Vista, Roraima jan. 2007. Disponível em <http://www.folhabv.com.br/>>. Acesso em 18 de janeiro de 2007.
- RAJAGOPLAN. K. Por uma lingüística crítica. Linguagem, identidade e a questão ética. In LACOSTE, Y. (org.) **A geopolítica do inglês**. São Paulo SP: Parábola, 2005.
- ROLINK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempos de globalização. In LINS, D. (org). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas SP: Papyrus, 1997.
- SANTOS, A.J. **História da livre iniciativa: no desenvolvimento socioeconômico do estado de Roraima**. Boa Vista, RR: (FECOMÉRCIO), 2004

REVISTA DO NUHSA

Núcleo Histórico Socioambiental

